

Projectos desenhados pela paisagem



Laura Costa

Desde que atravessou pela primeira vez as portas do Instituto Superior de Agronomia e se sentou para a primeira aula do curso de Arquitectura Paisagista, Laura Roldão Costa sabia que iria trabalhar em *atelier*. Foi por isso com naturalidade que em 1988, recém-formada, rumou ao Porto com um conjunto de colegas (Paulo Farinha Marques, Teresa Portela Marques e Dulce Gonçalves) e fundou a Aparte – Consultores de Arquitectura Paisagista. Hoje, 22 anos depois, já não está no Porto nem na Aparte, mas continua lá perto: há cinco anos, a Aparte cessou actividade, mas Laura Costa não quis deixar de fazer projecto e abriu gabinete em nome próprio, ali ao lado, em Matosinhos. “Não me vejo a não projectar”, afirma.

Aqui “projectar” significa mais do que desenhar; significa criar espaços para as pessoas, sustentáveis, que respondam à paisagem física e cultural em que se inserem. Um dos primeiros trabalhos que realizou com a equipa da Aparte, em 1993, foi a integração paisagística da Urbanização da Cidade Cooperativa da Prelada, no Porto, e já aí este entendimento do projecto surge bem expresso. “Conseguimos avançar com barreiras de auto-estradas, coberturas ajardinadas – numa altura em que em Portugal quase ninguém falava em coberturas ajardinadas –, passeios públicos associados a espaços de recreio e lazer que conseguiram criar espaços de vizinhança muito vividos pelas pessoas”, recorda. O *atelier* não tem pois

Equipa

- > Laura Roldão Costa
- > Sérgio Pinto
- > Renata Amaral

uma imagem de marca nos seus projectos. Mas pode-se dizer que tem um método de marca, que começa antes do desenho. Antes há que olhar para os sistemas da paisagem – hídrico, do solo, da vegetação – e ler neles as necessidades a responder e os valores a potenciar: “É daí que vai resultar o desenho, uma vez mais geométrico e mais artificial, outra mais naturalizado”. Há também que procurar compreender como as populações se relacionam com os espaços, porque “por muito bem desenhado que esteja, pode não ser o espaço que as pessoas querem”. E isto, salienta, “não vem nos livros”.

Os livros, a investigação, o ensino, são, refira-se, temas caros a Laura Roldão Costa, que conjuga desde cedo a prática profissional com as aulas na faculdade, actualmente no curso de Arquitectura Paisagista da Universidade de Alto Douro e Trás-os-Montes (UTAD). Desta junção de saberes, o resultado que tira é em tudo positivo. “Por um lado, permite fazer no ensino o aprofundamento da investigação, que é extremamente importante para que a arquitectura paisagista possa evoluir como ciência e arte. E por outro permite não criar na universidade um mundo separado da realidade”, analisa.

Desenhar em todas as escalas

Da perspectiva da projectista, os arquitectos paisagistas têm de desenhar mais, “em todas as escalas”, diz, e chama a atenção para o enquadramento (ou falta dele) das estradas. “Não há um projecto que pense a estrada dentro da paisagem e que a implante devidamente agarrada”, critica. Não é uma estrada, mas é uma linha viária que coloca em contacto vários concelhos da Área Metropolitana do Porto, num “corredor verde intermunicipal”: o Metro do Porto tem sido um dos principais projectos em que tem estado envolvida nos últimos anos, no Porto, em Matosinhos, na Maia e em Gondomar (onde tem em fase final a construção do troço Campanhã-Gondomar). Em todas as intervenções, houve sempre a preocupação de incluir árvores caducifólias, espelho das mudanças sazonais e uma quebra na monotonia das viagens. Esta monotonia também não existe para quem percorre toda a linha, assegura: “Nas zonas rurais usámos carvalhos, bétulas e bordos, mas nos espaços mais urbanos vamos tirando partido de plantas mais ornamentais, de maneira a criar espaços distintos”, descreve Laura Costa.



Integração Paisagística – Interceptores do Tâmega, Amarante

Um conjunto de passadiços ao longo do Tâmega, que aproximam da água quem passeia e que tapam das vistas o novo interceptor das Águas do Noroeste: é este o objecto desta intervenção, a surgir na zona ribeirinha de Amarante. Partindo de premissas de ordem técnica e de preservação do património, o projecto desenvolveu-se puxado pelas questões estéticas/sensoriais. É proposto um passadiço pedonal submersível (tal como existe na margem oposta), junto ao muro de contenção existente, mas dele separado por faixas contínuas de vegetação ripícola. Estas criam um corredor verde que cumpre duas metas: aumentar a biodiversidade e cobrir as caves e os embasamentos dos edifícios que desqualificam aquela margem. Paralelamente, e porque se pretende fazer deste percurso um “mosaico da paisagem do Minho”, serão conjugados passadiços metálicos e lajes de pedra nas áreas da cidade com calçadas e passadiços em madeira em zonas mais naturalizadas e integradas em espaços agrícolas. Aguarda aprovação do IGESPAR.

Projecto de Intervenção na Marginal de Esposende (menção honrosa do Prémio IHRU 2009), cobertura ajardinada de dois hectares no armazém alimentar do Sonae Business Center, na Maia, e Estádio de Benguela, Luanda, são alguns dos projectos que têm saído das mesas de trabalho da projectista. Daqui, saem também desenhos de planeamento, como é o caso do Parque Metropolitano do Leça, em parceria com a UTAD, com financiamento do QREN já aprovado.

E neste momento os braços por aqui afadigam-se em trabalhos: além deste, está ainda a decorrer o projecto de requalificação da marginal de Sines, a requalificação da frente ribeirinha de Viana do Castelo, projectos para várias escolas, os arranjos exteriores da fábrica da Embraer em Évora e o estudo prévio para um Parque Temático Botânico numa antiga laxeira em Luanda.

Depois disto, o que falta fazer? “Gostava de trabalhar numa equipa internacional, no Norte da Europa”, responde, lamentando as condições de trabalho e o investimento destinado às obras de arquitectura paisagista em Portugal. “Não podemos ser sempre o parente pobre das obras, públicas ou privadas”.

São José Sousa